

O Marido que passou o cadeado na bôca da mulher

Mora lá em Cachoeira
Uma mulher perigosa
Muito pior que a de Brotas
Pois é bastante manhosa
Afirmam os seus vizinhos
Que ela é preguiçosa

É mesmo que jararaca
Esta mulher faladeira
Não deixa nem o marido
Dormir nunca a noite inteira
A ponto do camarada
Sempre sair nas carreiras

O marido da fulana
Que era um português
Viu-se tão aborrecido
Que disse prá um freguês
Meu amigo lá em casa
Eu só vou de mês em mês.

O diabo da mulher
É mesmo que satanaz
Ela só anda dizendo
Que eu tenho filiais
Porem ela é a culpada
Porque não me satisfaz

— 2 —

Imagine meu amigo
Que triste situação
A noite quando me deito
Ela me joga no chão
Trepá em cima de mim
Como se eu fosse colchão

Um dia ela entendeu
De me falar na navalha
Bem as três da madrugada
Disse ela... seu canalha
Ou você anda diferente
Ou lhe corto esta fornalha

Você tem me deixado
Eu no mundo da lua
- Só vive a dar comida
As tais mulheres da rua
E aqui eu no arvéo
Só comendo carne crua

Se você me desprezar
Lhe digo que é patota
Cortarei seu pescoço
Botarei dentro das botas
Você deve estar lembrado
Da tal fulana de Brotas

— 3 —

O pobre português
Quando viu este aviso
Olhou para a mulher
Fez para ela um sorriso
Porém fez tanta fôrça
Que quasi perde o juizo

Passou-se uma semana
Sempre na mesma agonia
O pobre do português
Sair siquer não podia
Para ver as filiais
Que tanto bem as queria

Assim mesmo a tal mulher
Não estava conformada
Seu marido estava em diá
E ela estava atrazada
Por isso todos os dias
Ela ficava danada

Porém o português
Já andava prevenido
Fosse inverno ou verão
So dormia era vestido
A mulher então dizia
Ó que sujeito bandido

— 4 —

Sabia o Português
Que nunca daria certo
Por isso só dormia
Com um olho sempre aberto
Enquanto sua mulher
Pregava só no deserto

A mulher esbravejava
Mordia-lhe bem a orelha
Dava tanta ferroada
Que só ninho de abelha
Só ficava satisfeita
Quando via ela vermelha

E assim o Português
Sempre tomava dentada
Só porque tinha na rua
Mais de trinta namoradas
A mulher prá se vingar
Dava em casa ferroadas

Nem a noite o Português
Siquier podia dormir
Sonhava com a navalha
Seu pescoço a perseguir
E ele ali tolhido
Sem siquer poder dormir

— 5 —

A mulher levava a noite
Mesmo que uma tagarela
Agarrava o Português
Dava murros na costela
E fazia do coitado
Um bom cavalo de sela

E assim o Português
Que se chamava José
Com esta perseguição
Não arranjava prá café
De tanto tomar trompasso
Fedia até a chulé

Um dia o Português
Deu um pulo para atraz
E disse a um visinho
Agora não saio mais
Vou deixar de dar comida
As minhas trinta filiais

A mulher quando soube
Disse para o Português
Seu bandido! vai pagar-me
Tudo agora de uma vés
Prá você não me deixar
Atrazada a mais de mês

— 6 —

Um carteiro foi passando
Disse então para o marido
Meu amigo tenha calma
Você ande prevenido
Olhe que sua mulher
Está jogando de bandido

Você tenha cautela
Nunca durma sem toalha
Se puder use couraça
Nada disso lhe atrapalha
Se você facilitar
Cai ligeiro na navalha

Porém o Português
Só queria se vingar
Só porque há mais de mês
Não podia se deitar
Pois a mulher não dormia
Só vivia a lhe esperar

A mulher um belo dia
Foi enfim se distrair
Foi a um mês de Maria
E começou a engolir
Assim que chegou em casa
Foi para cama dormir

— 7 —

O Português quando viu
A sua mulher deitada
Cheirou a sua boca
Viu que estava embriagada
Disse assim cheio de ódio
Tu vais ver a navalhada

Foi lá no fundo da mala
Agarrou um cadeado
Botou gaz na fechadura
Porque estava enferrujada
Quando chegou ele no quarto
Já estava preparado

A mulher estava dormindo
Com a boca bem aberta
O Português retirou
De cima dela a coberta
Agarrou um furador
E ficou bem alerta

Ensopou em amoníaco
Um bocado de algodão
Botou no nariz da chande
Prá tapar a respiração
Depois com toda calma
Trepou o agulhão

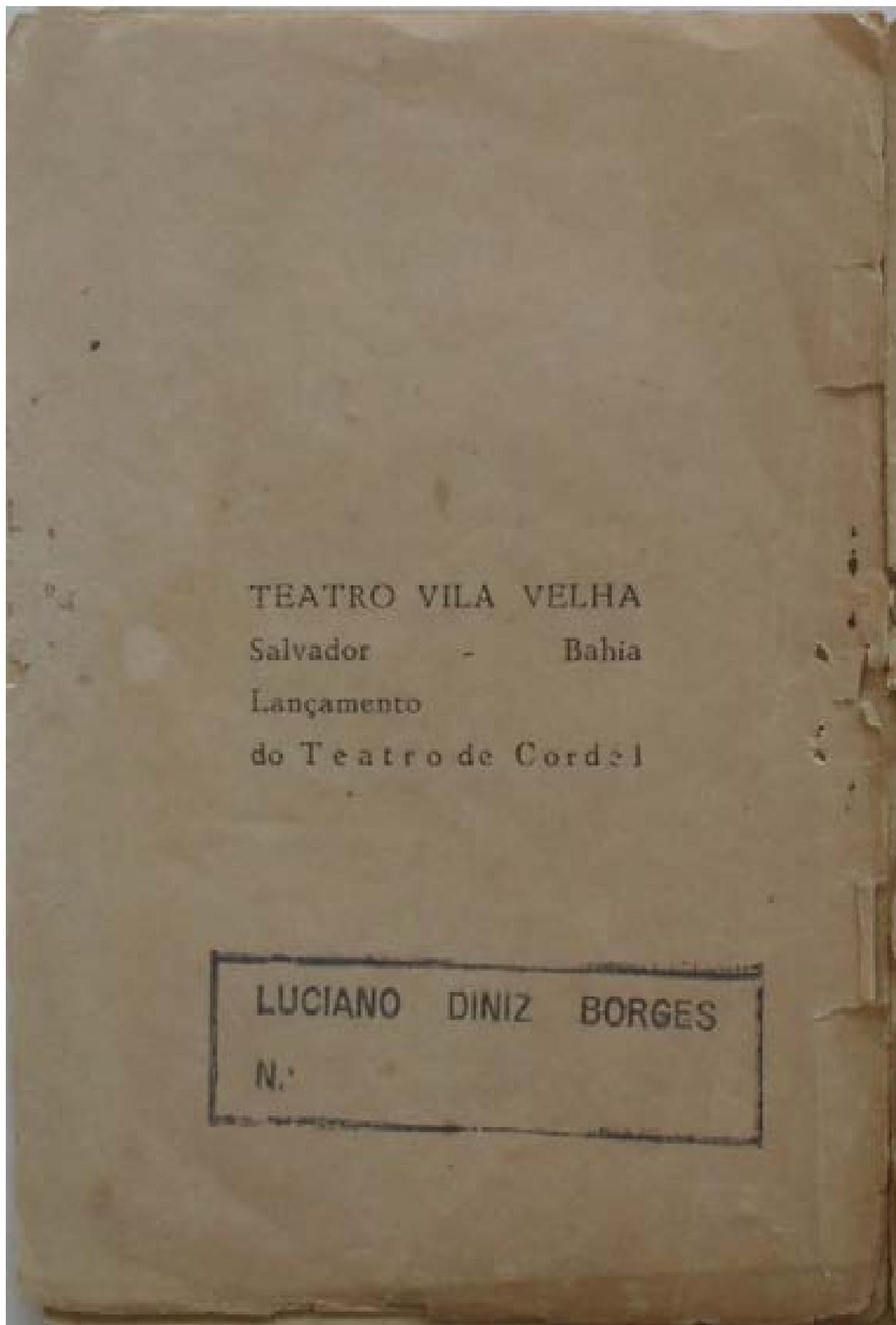
— 8 —

Segurou o belço dela
 Que estava escancarado
 Enfiou o agulhão
 Fez um buraco danado
 E sem dó nem compaixão
 Enfiou o ^oladeado

Depois tirou a chave
 E no mato ele jogou
 Depois deste trabalho
 Prá o Tanquinho viajou
 E nem queira a saber
 Quando a mulher acordou

Quando ela abriu os olhos
 E viu o que aconteceu
 Pelejou prá abrir a bôca
 Que era mesmo que breu
 Como nada conseguisse
 Na própria cama morreu.

Isto é o que acontece
 A mulher saladeira
 Quando mora com um trouxa
 Começa a fazer barreira
 Mais esta estrepou-se
 Com o Português em Cachoeira.



TEATRO VILA VELHA
Salvador - Bahia
Lançamento
do Teatro de Cordel

LUCIANO DINIZ BORGES

N: